

José Roberto Santos Neves

O mundo cão

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Uma saborosa crônica de Alvaro Abreu, publicada há algumas semanas neste espaço, chamou a minha atenção para a quantidade de notícias ruins veiculadas pelos jornais nos últimos dias. Alvaro elencou diversas manchetes relacionadas à superlotação nos hospitais, violência nas escolas, corrupção no Tribunal de Contas, máfia dos pátios no Detran, ligações perigosas entre delegada e traficante, ciranda da morte nas rodovias federais e por aí vai - de mal a pior. Essa onda de negatividade me fez lembrar alguns dogmas do jornalismo que devem ser questionados:

- 1) Jornalista adora dar notícia ruim.
- 2) Jornalista tem certeza que o leitor adora receber notícia ruim.

Ora, as pessoas também gostam de receber boas notícias, como colocou certa vez um diretor de redação em palestra a jornalistas. E se a medicina descobrir a cura do câncer? Ou a cura da Aids? E se o governo reduzir os impostos? É claro que o leitor vai comprar o jornal, se interessar pela notícia, repassá-la pela internet.

Infelizmente, boas novas também passam ao largo do nosso mundo cão, dominado pelo noticiário do interminável conflito entre Israel e Palestina, as revoltas árabes, o programa nuclear do Irã, os atentados com homens-bombas no Afeganistão e Paquistão, o banho de sangue do governo sírio contra manifestantes pró-democracia. A violência se tornou tão banal que os óbitos viraram números: "60 mortos em conflitos na Síria"; ou "26 vítimas fatais em atentado no Afeganistão". No meio desse show de horror, sobram líderes fanfarrões, como Chávez e Kadafi, com seu amplo repertório de bravatas.

Há, ainda, as crises econômicas, com a Grécia em colapso, os espanhóis protestando contra o desemprego, a União Europeia atônita diante da ameaça de uma nova quebradeira mundial.

O outro braço do noticiário internacional são as tragédias naturais, reação da Mãe Natureza à ação predatória do Homo ignorantis. São terremotos no Japão, vulcão no Chile, tornados nos Estados Unidos, incêndios na Austrália (para não dizer que não falei de música, em 1977, Paulo César Pinheiro e João Nogueira já tinham previsto a vingança do universo contra o predador, no emblemático samba "As forças da natureza", na voz de Clara Nunes).

Em meio ao caos, surge uma historinha inusitada, quase um conto, reproduzida pelas principais agências internacionais. Tudo teria começado há 20 anos, quando um famoso advogado insultou uma corte de rabinos em Jerusalém. Como represália, os juizes lançaram uma maldição sobre ele: seu espírito iria passar para o corpo de um cachorro, animal considerado impuro na lei judaica. O advogado morreu anos depois e o episódio foi esquecido.

Porém, há menos de um mês, o jornal israelense "Maariv" noticiou que um grande cão entrou em uma corte de negócios monetários em Jerusalém, assustando os visitantes da casa. Segundo a publicação, o cachorro se recusou a sair do local mesmo após as pessoas tentarem levá-lo para fora. Diante da cena insólita - prossegue o jornal - um juiz lembrou do caso do advogado e concluiu que o próprio reaparecera na pele do pobre animal, que foi condenado à morte por apedrejamento.

Para sorte do cachorro - e o total descaso do jornal com os leitores - a notícia era falsa.